



Caros leitores!

Cenários de guerra e de terrorismo fazem com que a América Latina, uma região de paz e de estabilidade, apareça sob uma nova luz. Não é por acaso que o terror no Brasil nunca se tornou uma ameaça verdadeira. Depois da cesura do dia 11 de setembro, o Brasil se mostrou através do seu grande porte no continente latino-americano como um fator de estabilidade solidário para toda região.

Por isso, causa irritação o artigo do correspondente da revista "Der Spiegel", Matthias Matussek, ilustrado com uma foto de brasileiros sorridentes ao ouvir supostamente as mensagens sobre os mortos em Nova York. A descrição de que as pessoas no Brasil teriam expressado "franca satisfação" com o assassinato de mais de cinco mil americanos, é uma interpretação um tanto quanto injusta. Quem conhece um pouco do Brasil sabe que satisfação perante o assassinato de pessoas não é uma reação imaginável no país.

Tendo em vista o Brasil, é preferível refletir sobre o ensaio de grande força lingüística da autora indiana Arundhati Roy, o qual se tomou em poucos dias, devido às imagens de terror vindas dos Estados Unidos, algo como um porta-voz do hemisfério Sul. Sua interpretação do atentado também encontrou uma repercussão nacional entre os intelectuais brasileiros. Diferentemente das simplificações polêmicas de Matussek, Roy descreve os atentados como "um cartão de visita monstruoso de um mundo fora do eixo", cujas irregularidades, bem como avanços econômicos são visíveis principalmente em um país de contrastes e contradições como o Brasil. O diálogo entre o hemisfério Norte e Sul deverá acontecer futuramente de modo mais intenso a fim de alcançar

uma compreensão mais profunda para outros estilos de vida. "Raiva é a chave" descreve Roy sobre os motivos dos autores dos atentados. Raiva é o fruto de um engano brutal: Ela só pode surgir porque os objetivos perseguidos com boas intenções pelo mundo civilizado nos seus fins não-civilizados não são entendidos da mesma forma como são vistos principalmente no hemisfério norte. As organizações mediadoras da área religiosa, cultural e econômica terão um grande desafio para o futuro.

Há tempo o autor brasileiro com o maior índice de vendas, Paulo Coelho, se engaja em um programa da UNESCO em prol de um entendimento entre as religiões do mundo. Nesta edição vocês poderão ler uma entrevista com Paulo Coelho, cujos livros lideram as listas dos mais vendidos, englobando desde o Japão até os Estados Unidos. "Acredito que no fundo todos louvam o mesmo Deus. Algumas pessoas precisam de uma religião, outras não. Eu, por exemplo, preciso de uma. Porém, o mais importante é respeitar a fé dos outros", diz Coelho numa entrevista.

Lembramos nesta edição também do Tratado de Tlatelolco com o qual a América Latina se tornou em 1967 uma zona livre de armas nucleares. O Brasil assumiu, como vocês poderão conferir, um papel-chave nas negociações deste Tratado. Imaginamos sermos justos ao reportar sobre este Tratado, pelo qual uma região inteira se livrou de uma ameaça nuclear direta.

No título desta edição fizemos uma homenagem a Jorge Amado. O escritor de 88 anos, considerado o maior romancista brasileiro, morreu no dia 6 de agosto na capital baiana Salvador. Jorge Amado conseguiu levar milhares dos seus leitores do mundo todo a conhecer o nord-

este brasileiro. Eu mesmo viajei ao Brasil depois da leitura do livro "Gabriela, Cravo e Canela" para provar as delícias árabes servidas no bar Vesúvio, palco principal de Gabriela, em Ilhéus. Chegando lá não senti o cheiro nem de cravo nem de canela. Mas fazer uma viagem real após a literária sempre valeu a pena com Jorge Amado na mala.

Assim como eu, muitos leitores conheceram o Brasil seguindo os passos passionais de Jorge Amado. Para entender o nordeste do Brasil, os livros de Jorge Amado sobre os barões do café e do cacau, comerciantes, capitães de areia, piratas e damas da noite dão uma visão bem melhor da alma brasileira do que muitos guias turísticos.

Desejo-lhes uma boa leitura.

Cordialmente

Michael Rose